

Alfabetização visual de jovens imigrantes brasileiros nos EUA

JOÃO KULCSÁR

A cultura visual

Ours is a visual age. We are bombarded with pictures from morning till night.

(Gombrich, 1982)

A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO no século XXI, geralmente chamado de “civilização da imagem”, continua a crescer, porque vivemos num tempo em que grande parte da informação que recebemos vem pelo imagético: “É senso comum na crítica contemporânea que as imagens têm poder no mundo” (Mitchell, 1994). Essa situação tem mudado o modo como os jovens se expressam, como eles se comunicam entre si e como percebem o mundo. Dessa forma, é fundamental capacitá-los a criarem suas próprias mensagens midiáticas e torná-los leitores críticos, e conseqüentemente alfabetizá-los visualmente. Alfabetização visual pode ser entendida como a habilidade de as pessoas compreenderem um sistema de representação visual, associada com a capacidade de se expressar por meio dele (Curtis, 1987; Donis, 1991).

Todo dia recebemos e consumimos centenas de imagens pela imprensa, pela TV, pelo vídeo e pelos anúncios. Grande parte delas é reproduzida fotograficamente, nos envolve e é parte do nosso dia-a-dia: “Nós precisamos enfatizar o papel da alfabetização visual no mundo moderno. A maioria da comunicação vem visualmente” (Moles, 1990).

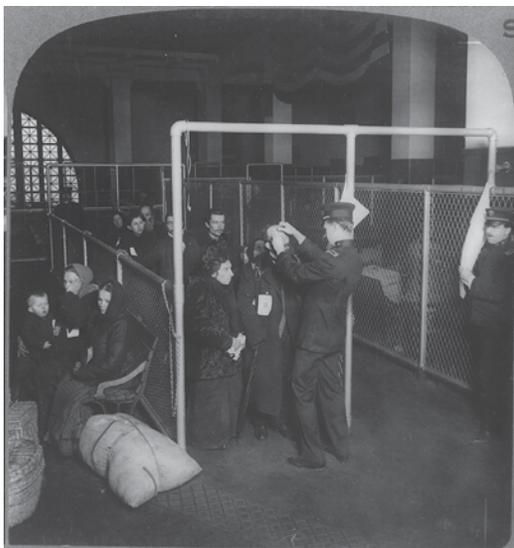
A alfabetização visual

A proposta desse projeto foi discutir a identidade dos jovens brasileiros não-documentados nos Estados Unidos, usando a alfabetização visual como ferramenta, por meio da criação de imagens fotográficas (alunos como produtores) e análise crítica da mídia (alunos como consumidores).

A fotografia permitiu aos alunos uma ativa participação para analisar imagens, possibilitando assim reduzir a diferença entre o sistema de comunicação de massa que produz a maioria das imagens e o espectador que as consome.

O material imagético (fotografias, *slides*, livros e vídeos) usado no projeto foi relacionado a temas familiares aos participantes, pois, segundo Paulo Freire (1985), “quando os alunos lêem imagens relacionadas com o seu cotidiano, eles podem desenvolver imaginação e criar discussões, críticas e alfabetização com a *consciência crítica*”.

As imagens utilizadas foram de fotógrafos americanos, como Walker Evans,



Fotos Reprodução

Inspetores dos EUA examinam os olhos dos imigrantes (Ellis Island, New York, c. 1913) e Migrant mother (Dorothea Lange, Nipomo, Califórnia, c. 1936).

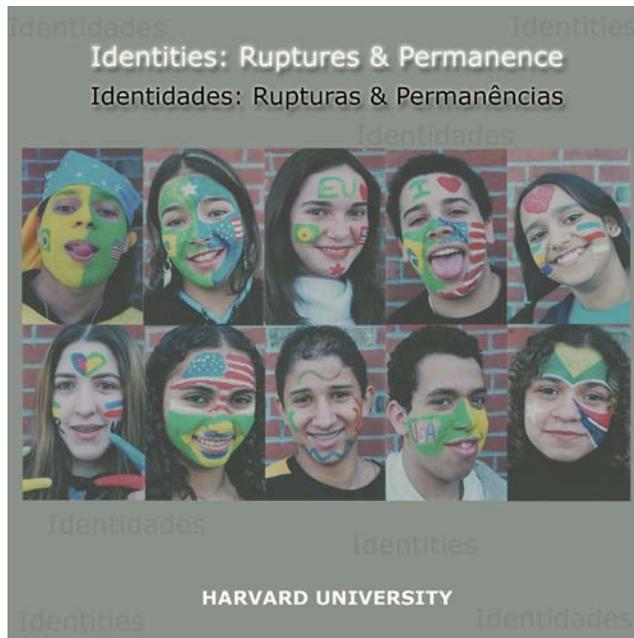
Lewis Hine, Jacob Riis, Dorothea Lange, e do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, cujos trabalhos focam a questão de imigração.

O curso

Durante outubro de 2002 e maio de 2003, em Cambridge, Massachusetts, o projeto fotográfico intitulado “Identidades: rupturas e permanências”¹ foi desenvolvido com dez adolescentes brasileiros (cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino) na Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers (MAPS), com patrocínio da Universidade de Harvard, por intermédio do David Rockefeller Center for Latin American Studies e o Department of Romance Languages & Literatures. O projeto começou como *workshop* e tornou-se um curso em razão do interesse dos alunos, da MAPS e da Universidade. Por sete meses, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver a alfabetização visual por meio das aulas de fotografia. Eles utilizaram câmeras de 35 mm, com foco fixo e *flash* embutido, e dois filmes de 24 poses com revelação e ampliação comercial cada um.

Os alunos Bruna Moraes, Sheila Costa, Talyta Moraes, Miguel Santana, Polyanne Veloso, Fabrício Dias, Jair Andrade, Rafael Santana, Gabi Andrade e Caroline Cafer produziram imagens para expressar seus pensamentos e sentimentos sobre a situação de imigrantes não-documentados.

Durante o curso, foram criadas situações para discutir sobre os seguintes temas: aspirações futuras, imigração, formação de identidade, auto-retrato, diversidade cultural, rupturas, amizade, ilegalidade, mídia, manipulação de imagens, permanências, relações familiares e democracia. Além desses, outros temas surgiram pelos próprios jovens, como: discriminação, liberdade, igualdade, re- adaptação na comunidade e nas escolas, processo de transição, incorporação,



*Catálogo da exposição no
David Rockefeller Center
for Latin American Studies.*

raça, genética, consumo, tradição, representação, cultura nacional, futebol, estereótipos e símbolos nacionais como a bandeira.

O projeto foi desenvolvido com os objetivos de: aprender como ler e produzir imagens; produzir fotografias que explorem maneiras de representar a família, os próprios alunos e seu cotidiano como imigrante; compreender como mensagens visuais são geradas, consumidas e interpretadas; envolver os alunos numa atividade em que eles pudessem explorar e desenvolver idéias e opiniões de um grupo social em conflito e suas causas.

“Êxodos” de Sebastião Salgado

Fez parte do curso uma visita monitorada à exposição de Sebastião Salgado, “Êxodos”. A mostra estava em Portland, Maine, a 250 quilômetros de Boston. O projeto “Êxodos” discute a questão sobre os refugiados e imigrantes em 39 países, e foi produzida durante sete anos. Salgado (2000) diz: “Espero que tanto como indivíduos, grupos ou uma sociedade, façamos uma pausa para pensar na condição humana na virada do milênio. Na sua forma mais brutal, o individualismo continua sendo uma fórmula para catástrofes. É preciso repensar a forma como coexistimos no mundo”.

Exposição no David Rockefeller Center

Os alunos tiveram, pela primeira vez, a oportunidade de participar da exposição, e o fizeram com grande entusiasmo. A mostra foi apresentada no David Rockefeller Center for Latin American Studies no dia 8 de abril, na abertura oficial e coquetel da Primeira Semana do Brasil na Harvard, cuja idéia foi discutir e celebrar as experiências dos imigrantes brasileiros na região da New England.

Foram expostas vinte fotografias coloridas, duas de cada aluno. Essas imagens não cobriram todos os aspectos do que foi discutido durante o curso, mas servem como amostra do percurso. Um grande número de familiares e da comunidade atendeu ao convite e visitou a exposição.

Esse projeto pode ser entendido como benefício para a comunidade, feito por ela e para ela. A câmera pode dar “voz” aos alunos, para se comunicar com o mundo por um processo coletivo e democrático. O resultado fotográfico revela uma crítica atitudinal no meio em que o imigrante vive.

A proposta da exposição foi permitir aos alunos observar outros pontos de vista, promover e apresentar as suas imagens, e possibilitar-lhes transformar suas idéias em produtos.



Miguel Santana – “Quando saímos do nosso país e mudamos para um novo, às vezes nós nos sentimos ‘Vazios como uma sacola’, porque deixamos pessoas amadas que nos faziam sentir um pouco mais completo por dentro. E também porque nós não temos o mesmo suporte moral, socialmente e afetivo que nossa terra natal.”



Talyta Morais – “O meu sonho no futuro é que brasileiros e americanos fossem bem mais unidos e integrados culturalmente.”

Caroline Cafer – “Representei os sentimentos de união e amizade que sempre deveriam existir entre todas as pessoas e em todos os momentos de nossas vidas, não se importando com a nacionalidade.”



Considerações finais

Durante o curso na MAPS, a fotografia deu oportunidade aos alunos de utilizar um poderoso meio de expressão para discutir o tema imigração. A mídia fotografia propõe um ideal ponto de partida para a alfabetização visual, porque engaja o aluno em sua experiência do cotidiano. Alfabetização visual é uma ferramenta importante na batalha pela conscientização de tudo o que engloba a questão da cidadania, pois um melhor entendimento da mídia no mundo em que ele vive pode facilitar maior e melhor participação na sociedade americana da qual participa. Também permite às pessoas desenvolverem a leitura de imagem. O objetivo é trabalhar para que um dia o desenvolvimento da alfabetização visual esteja ao alcance de todos.

Nota

1 Título da exposição apresentada na Universidade de Harvard, primeiramente no David Rockefeller Center for Latin American Studies de 8 a 15 de abril, e depois na Graduate School of Education, de 17 de abril a 10 de maio de 2003, com a curadoria de João Kulcsár.

Referências bibliográficas

- CURTIS, D. *Introduction to Visual Literacy*. Englewood: Cliffs Prentice-Hall, 1987.
- DONIS, A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FREIRE, P. *Education for Critical Consciousness*. Transl. Donato Macedo. London: Sheed and Ward, 1985.
- GOMBRICH, E. *The Image and the Eye*. Oxford: Phaidon, 1982.
- MITCHELL, J. *The Reconfigured Eye*. Visual Truth in the Post-Photographic Era. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.

MOLES, A. *Art and computer*. London: Vintage Press, 1990.

SALGADO, S. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RESUMO – ESTE ARTIGO enfoca o uso da alfabetização visual como ferramenta para discutir a questão da imigração com jovens brasileiros não-documentados, moradores na região de Boston, Estados Unidos. Por meio do projeto “Identities: rupturas & permanências”, desenvolvido na Universidade de Harvard, os alunos expressaram por fotografias a atual situação em que se encontram.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, Alfabetização visual, Jovem, Imigrantes brasileiros, Educação, Imagem.

ABSTRACT – THIS ARTICLE focuses on the use of visual literacy as a tool to analyse the question of immigration with young undocumented Brazilians, living in the Boston area of the United States. In the project “Identities: Ruptures & Permanence”, developed in the University of Harvard, they expressed their current situation through the use of Photographs.

KEYWORDS: Photography, Visual literacy, Youth, Brazilian immigrants, Education, Image.

João Kulcsár é professor do Centro Universitário Senac, mestre em Artes pela Universidade de Kent, Inglaterra, bolsista do The British Council e Fundação Vitae e doutorando em educação pela PUC/SP. Atua em projetos sociais usando a fotografia como ferramenta de alfabetização visual com adolescentes de baixa renda, comunidades e capacitação de professores. @ – joãokulcsar@uol.com.br

Recebido em 8.5.2006 e aceito em 25.5.2006.